

## Camões e o Cinema

***Maria do Rosário Lupi Bello***

Verbetes in Aguiar e Silva, Vítor Manuel de (org)  
*Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa, Editorial  
Caminho, 2011, pp. 125-128

Dentre as várias obras cinematográficas portuguesas (curtas e longas metragens) baseadas na figura e na obra de Luís Vaz de Camões, uma sobressai, tanto pelo imediato sucesso que granjeou, quanto pelo valor simbólico que lhe foi atribuído: trata-se do filme a preto e branco, de 115 minutos, intitulado *Camões* (com o subtítulo *Erros meus, má fortuna, amor ardente*) realizado por Leitão de Barros e estreado no dia 23 de Setembro de 1946, no cinema S. Luís, em Lisboa. Com argumento do realizador e de Afonso Lopes Vieira (que morreu nesse mesmo ano e a cuja memória o filme é dedicado), produzido por António Lopes Ribeiro e protagonizado por António Vilar, o filme recebeu, desde a primeira hora, o aplauso da crítica e do público, que chegaram mesmo a defini-lo como a melhor obra do nosso cinema até à data. O Governo português de então considerou-o de "utilidade pública", tendo o filme ganho o grande prémio do Secretariado Nacional de Informação nesse mesmo ano, bem como vários prémios para o desempenho dos principais actores: Prémios do SNI para o melhor actor, António Vilar (Luís de Camões) - aqui num dos melhores desempenhos da sua brilhante carreira -, para a melhor actriz, Eunice Muñoz (Beatriz da Silva), e menções honrosas para Vasco Santana (o Mal-Cozinhado) e Paiva Raposo (Pero de Andrade Caminha). Carmen Dolores representa dois breves papéis, nas figuras de Catarina de Ataíde e Natércia, e Igrejas Caeiro dá corpo a André Falcão de Resende. *Camões* foi apresentado oficialmente no Festival de Cannes de 1946 e permanece como uma obra de referência no contexto do cinema português dos anos 40. Trata-se, de facto, de um filme que logra desenvolver de modo relativamente elaborado e feliz os códigos da tendência da época, de cariz histórico-literário-melodramático (como diria Luís de Pina), chegando

a um grau de apreciável, quase barroca, sumptuosidade, no que ao guarda-roupa e cenários diz respeito, e sabendo manter um ritmo narrativo bem articulado e eficiente do ponto de vista dramaturgico. Fazendo do jovem Camões um verdadeiro e irreverente Don Juan, em permanente despique literário e amoroso com Pero Andrade Caminha (o qual vem a reconhecer a supremacia artística do autor de *Os Lusíadas*), passando pelo retrato dos seus momentos de glória enquanto poeta maduro e testemunhando o final de miséria e abandono da sua vida, o filme incide sobretudo na glorificação patriótica do povo representado na epopeia de *Os Lusíadas* e identificado com a grandeza do seu autor, dando assim voz à exaltação da História de Portugal.

É na mesma linha nacionalista que João Mendes realiza em 1950 o filme de 18 minutos *Mar Português*, que consiste na mera ilustração visual de poemas de Camões e de outros poetas portugueses (António Nobre, Guerra Junqueiro e Fernando Pessoa), declamados por João Villaret, numa clara associação entre o mar, a vocação marítima e missionária de Portugal, a poesia, a fé dos marinheiros e dos pescadores e a grandeza sofrida da Pátria. Dezasseis anos depois, em 1966, M. G. Faria de Almeida realiza a curta-metragem de 13 minutos *Camões*, para a qual contou com o apoio de Hernâni Cidade como consultor literário, e na qual fez o breve retrato da vida e obra de Camões, dentro de um quadro patriótico algo artificial e desinspirado. Por seu turno, Manoel de Oliveira incluiu no seu filme de reflexão crítica sobre a História de Portugal *NON ou a vã glória de mandar* (1990), o episódio da Ilha dos Amores, no qual, usando em *off* o texto camoniano, cantado pela voz de Teresa Salgueiro, faz o retrato poético e bucólico das delícias e surpresas encontradas pelos marinheiros portugueses de quinhentos. A sua leitura pretende juntar o sermão de Padre António Vieira aos versos de Camões para subverter o tradicional conceito de História: "enquanto que toda a história repousa e enaltece o herói, o NON põe o acento noutro ponto, que é o da dádiva. Não é o da conquista, mas é o da dádiva. [...] A riqueza

do pensamento de Camões é muito forte. Tão forte que abrange aquela aparência das glórias [...]”.

Mais recentemente, o cinema português assistiu a duas outras estreias com a mesma temática, em ambos os casos tratada com um registo declaradamente teatral: o filme (com 75 minutos) de Paulo Rocha, *Camões - Tanta Guerra tanto engano*, de 1998, e a curta metragem de Jorge Cramez, *Erros meus*, realizada no ano de 2000, com cerca de 15 minutos de duração. O primeiro caso - que consiste no registo audiovisual de um espectáculo encenado por Silvina Pereira, tendo por cenário o Convento dos Inglesinhos - reproduz uma espécie de “diálogo” a quatro vozes (Augusto Portela, Isabel Fernandes, Júlio Martín e Silvina Pereira), assim curiosamente atribuindo forma dramática à lírica camoniana, enquanto expressão dolorosamente existencial. O filme vive da beleza da palavra poética e da inesperada perspectiva dada por alguns planos marcadamente originais e arrojados, da autoria de Cláudia Tomaz; no segundo caso assiste-se à adaptação do conto de Jorge de Sena “Super Flumina Babylonis”, que coloca em cena Luís Miguel Cintra e Isabel Ruth, num desempenho de inequívoca qualidade sobre o triste ocaso da vida de Luís de Camões, doente, sozinho, crivado de dívidas e apenas amparado pela mãe, que lhe censura o orgulho e a fragilidade da fé. Está-se, portanto, muito longe do aproveitamento nacionalista da obra camoniana, tendo sido deixada para trás a identificação entre a obra do Poeta e a Pátria, para se focar, nestes filmes mais recentes, o sofrimento pessoal de um grande artista pouco estimado e mal compreendido pelos seus contemporâneos. Se Portugal não deixa de ser personagem implícita desta última obra - tendo, porém, passado de protagonista a personagem secundária -, no caso do filme de Paulo Rocha a intensidade e acutilância da expressão poética pretende tornar visível a profundidade da dor vivida por quem teve da experiência humana uma percepção tão agudamente dramática e, portanto, universal, como testemunha o lema que este Grupo de Teatro (Maizum) lhe atribuiu: “Com a carne do Poeta se entendem os seus versos”.